

IDENTIDADE REGIONAL: A PAISAGEM E A CULTURA COMO DEFINIDORES DE IDENTIDADE

Yasmin Varela da Silva¹

(Graduanda em Geografia, UFRN, yasmin.varela.710@ufrn.edu.br)

Maria Rita Themistocles Araújo da Silva²

(Graduanda em História, UFRN, maria.themistocles.103@ufrn.edu.br)

RESUMO

Este artigo discute como o conceito de paisagem interligada com a cultura, pode representar, identificar e definir uma região. O objetivo é analisar como a paisagem, ao integrar cultura e símbolos, pode funcionar como definidora de regiões. A pesquisa adotou o método bibliográfico, com base em obras de autores relevantes, permitindo a sistematização de conhecimentos prévios, a partir de conceitos, procedimentos, resultados e reflexões consolidadas. Os resultados indicam que a paisagem, quando compreendida como expressão da vivência humana e como construção cultural, amplia a compreensão da diversidade regional, sendo um recurso potente para práticas que valorizem o pertencimento, a leitura crítica do espaço e o uso de tecnologias como a geovisualização na Geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; paisagem; geovisualização; cultura e região.

GT 03: Espaço, Cultura e Turismo.

1 INTRODUÇÃO

A construção das identidades regionais, profundamente enraizadas no patrimônio paisagístico, natural e cultural, configura-se como um campo privilegiado para a promoção da formação cidadã no Ensino Fundamental. A identidade cultural, concebida como um processo histórico, coletivo e em constante transformação, é moldada pelas práticas do cotidiano, pelos saberes tradicionais, pelas crenças e pelas manifestações culturais transmitidas de geração em geração. Nesse contexto, a paisagem assume o papel de expressão sensível dessa identidade, deixando de ser apenas um cenário natural ou construído para tornar-se um conjunto de signos carregados de memória, cultura e pertencimento (Bertagnolli, 2015. p, 47).

Como observa Bertagnolli (2015), o patrimônio imaterial, que abrange festividades populares, modos de fazer, linguagens e tradições, constitui-se como um elemento estruturante da identidade de um povo, garantindo a continuidade histórica e fortalecendo o sentimento de pertencimento coletivo. Quando incorporada ao contexto escolar, essa dimensão simbólica da cultura pode potencializar a valorização da diversidade e o desenvolvimento local, aproximando o conhecimento formal das vivências socioculturais dos estudantes.

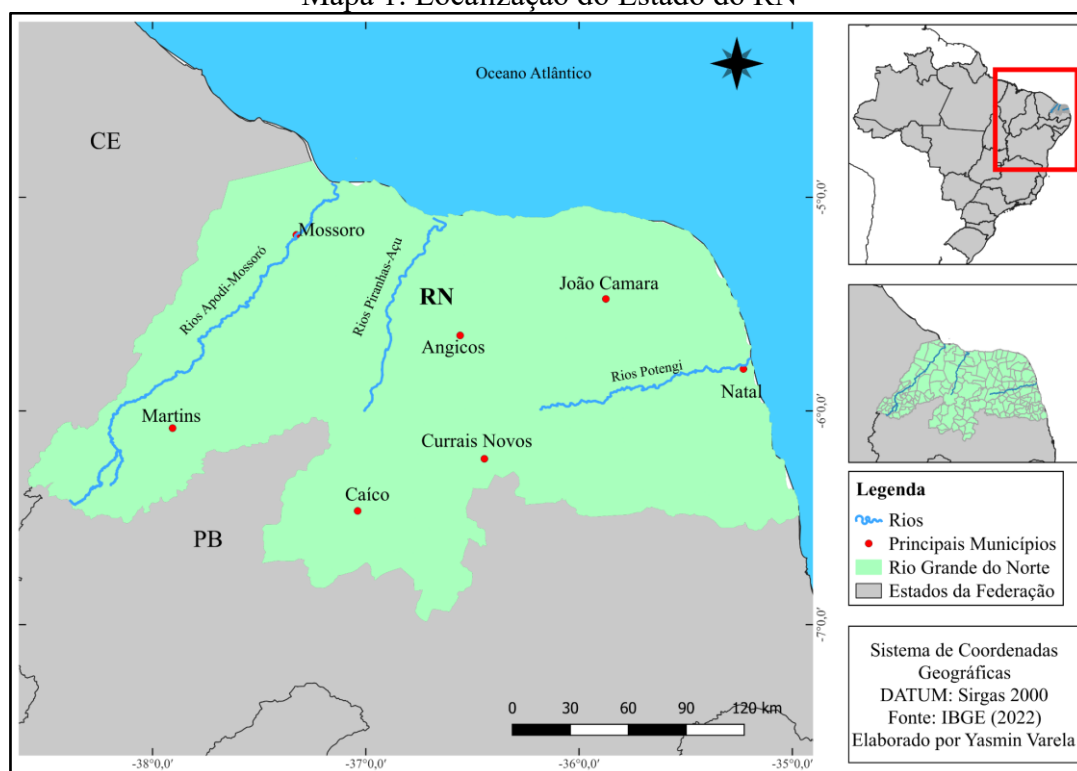
Nesse sentido, Martins e Zacharias (2022) propõem uma abordagem da paisagem como mediação entre o espaço geográfico e as percepções humanas, destacando que sua representação no Ensino Fundamental deve ultrapassar o visível e o estereotipado. Defendem a inclusão de aspectos simbólicos, imateriais e históricos na leitura da paisagem, enriquecida por recursos digitais interativos, como a geovisualização e jogos educativos, que favorecem a construção ativa do conhecimento e o desenvolvimento de uma leitura crítica do espaço. Tais recursos tecnológicos possibilitam abordar a paisagem como expressão viva da cultura e da identidade em permanente transformação. A geovisualização, por exemplo, amplia o repertório

dos estudantes ao permitir uma análise interativa de imagens, mapas e dados geográficos, promovendo uma leitura mais complexa e situada do território. O GeoGuessr, por sua vez, ao apresentar imagens em 360° de paisagens reais, convida os alunos a identificar elementos culturais, naturais e sociais de diferentes lugares, reconhecendo tanto a diversidade quanto os traços identitários de cada região (Martins; Zacharias, 2022. p, 1255)

A integração das tecnologias digitais ao ensino de Geografia contribui, assim, para a criação de um ambiente pedagógico dinâmico e conectado às diretrizes da BNCC, favorecendo o desenvolvimento de competências como a observação, descrição e análise crítica das transformações da paisagem, além da valorização das culturas locais. Ao mesmo tempo, combate visões simplificadoras e estereotipadas do espaço geográfico, promovendo uma educação mais crítica, plural e contextualizada. Tal abordagem permite não apenas explorar o espaço vivido, mas também compreender as marcas culturais que o constituem, reconhecendo as múltiplas vozes que compõem o território e fortalecendo os vínculos entre o saber escolar e as experiências culturais dos estudantes (Martins, 2022; Bertagnolli 2015)

Dessa forma, propõe-se a compreensão da paisagem e das manifestações culturais, tanto materiais quanto imateriais, como elementos constitutivos, indicativos e definidores da identidade regional do estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, destacam-se os municípios de Angicos, Caicó, Currais Novos, Martins, Mossoró e Natal (Mapa 1), inseridos em distintas unidades paisagísticas potiguaras, a saber: Sertão Central, Seridó, Borborema Potiguar, Depressão Sertaneja, Chapada do Apodi-Mossoró e Litoral Oriental Úmido. A partir dessa abordagem, reconhece-se que as paisagens e as expressões culturais desempenham um papel central nos processos de regionalização, funcionando como vetores simbólicos e territoriais que revelam a complexidade e a pluralidade das identidades em construção.

Mapa 1: Localização do Estado do RN

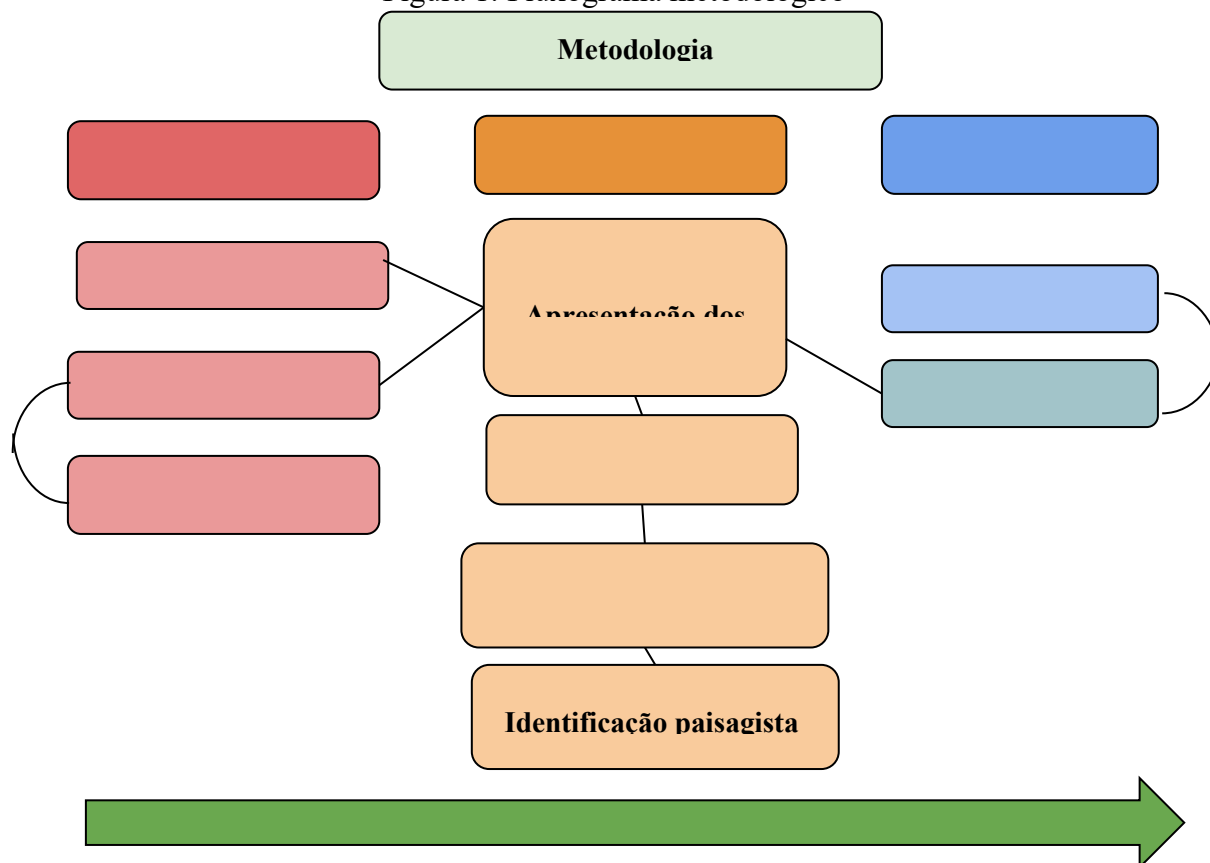


Fonte: Elaboração própria

2 METODOLOGIA

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, orientada pela análise interpretativa de elementos paisagísticos, naturais e simbólicos/culturais que conformam a identificação regional. O percurso metodológico foi delineado a partir da articulação entre fundamentos teóricos, estratégias didático-pedagógicas e técnicas de representação cartográfica, conforme sintetizado no fluxograma (figura 1)

Figura 1: Fluxograma metodológico



Fonte: Elaboração própria

3 DISCUSSÕES E DEBATES

3.1 A PAISAGEM COMO DEFINIDOR IDENTITÁRIO

A paisagem é uma das categorias fundamentais da Geografia, pois articula elementos naturais, culturais, simbólicos e históricos do espaço geográfico. Mais do que o cenário físico visível, ela é a expressão viva da identidade de um povo. Ao abordar essa relação entre paisagem e identidade, é possível compreender que a paisagem atua como um marcador simbólico das memórias, práticas sociais e culturais de um grupo, funcionando como um definidor de sua identidade coletiva.

Segundo Bertagnolli (2015),

a construção da identidade não é estável, surgindo de processos que os indivíduos experimentam ao longo do tempo, sendo às vezes reinventada e renegociada. Pode-se dizer que as sociedades constroem e reproduzem sua identidade através do apego ao seu passado histórico. As sociedades são

resultados de processos (mitológicos e históricos) de (con) textualização e de (des/re)contextualização de identidades culturais, ao longo do tempo. Atualmente, notamos o ressurgimento das culturas populares com algumas de suas características regionais modificadas, pois os processos de interação dos diferentes campos de comunicação dão novos formatos às identidades culturais (Bertagnolli, 2015. p, 48)

A autora reforça que o patrimônio cultural, especialmente o imaterial, “está presente em nosso cotidiano, na cultura e na identidade de um povo” (Bertagnolli, 2015, p. 47), pois é formado por práticas, saberes e modos de vida que os indivíduos reconhecem como parte de sua herança coletiva. Assim, os espaços se tornam carregados de significado, e a paisagem funciona como um “espelho” da identidade cultural de seus habitantes.

É importante ressaltar, contudo, que a paisagem não se limita à sua dimensão física ou ecológica; ela é também uma construção simbólica. A Geografia Cultural tem destacado o papel das representações, valores e sentidos atribuídos ao espaço na produção das paisagens. Para Tuan (1980), o espaço transforma-se em lugar quando carregado de significados. Esses significados são centrais para a constituição das regiões culturais, pois estabelecem vínculos entre os sujeitos e o território. Assim, a paisagem não apenas reflete as características de uma região, mas participa ativamente de sua definição e reprodução simbólica.

De acordo com Gomes (2008), a paisagem expressa o tempo histórico de uma região, sendo resultante das práticas econômicas, políticas e culturais acumuladas e transformadas ao longo do tempo. O autor argumenta que “as paisagens funcionam como signos que indicam o processo histórico de formação do espaço” (Gomes, 2008, p. 45). Desse modo, ao reconhecer uma região por meio de sua paisagem, também se reconhecem os processos históricos e sociais que a constituíram. A paisagem torna-se, então, uma síntese visível da totalidade espacial de uma região.

Nessa direção, a paisagem atua como mediadora entre o visível e o invisível, entre o que é dado e o que é construído socialmente. Claval (2011) sustenta que a paisagem constitui um sistema de signos, no qual os elementos visíveis remetem a valores, práticas e significados atribuídos pela sociedade ao espaço. Isso lhe confere potência enquanto categoria analítica, sobretudo para a definição de regiões que ultrapassam os critérios puramente naturais ou econômicos.

A abordagem cultural da paisagem possibilita compreender a diversidade de modos de vida e de apropriação do território que coexistem em uma mesma área. Woodward (2009) sugere que a paisagem pode ser lida como um texto, no qual se inscrevem ideologias, memórias e conflitos que conformam os territórios. Nessa perspectiva, as paisagens regionais não são neutras nem homogêneas: elas expressam desigualdades, disputas e formas de resistência presentes no espaço. Considerar a paisagem como elemento definidor de regiões implica reconhecer sua capacidade de sintetizar dimensões ecológicas, sociais, culturais e simbólicas. Trata-se de ir além de uma leitura descritiva ou puramente estética, compreendendo a paisagem como um processo dinâmico, continuamente moldado pelas relações sociais que estruturam e transformam o espaço geográfico. Essa perspectiva torna-se particularmente relevante no contexto brasileiro, onde a complexidade das paisagens reflete uma teia intrincada de elementos naturais, históricos e culturais.

Ademais, é importante destacar que a paisagem, enquanto categoria analítica, não apenas contribui para a definição de regiões, mas também oferece ferramentas críticas para questionar, reinterpretar e ressignificar essas delimitações. Como apontam Brum Neto e Becker (2006), a paisagem pode atuar como uma chave interpretativa fundamental na construção de resistências e alternativas ao modelo hegemônico de organização territorial. Regiões

concebidas a partir da paisagem tendem a constituir-se como espaços de afirmação identitária, de valorização do patrimônio natural e cultural, e de mobilização política em defesa do território. Ao extrapolar sua dimensão visual, a paisagem articula múltiplas camadas do espaço vivido, funcionando como elo entre a experiência sensível e a organização territorial. Sua incorporação nas análises geográficas favorece uma compreensão mais crítica, profunda e sensível das regiões.

Na perspectiva educacional, essa relação entre paisagem e identidade pode ser trabalhada criticamente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Martins e Zacharias (2022) destacam que “as representações das paisagens revelam detalhes que podem ajudar a entender a dinâmica, tanto natural como social, de determinada área” (p. 1254). O estudo da paisagem, nesse caso, ultrapassa a descrição visual e passa a contemplar os significados culturais e simbólicos atribuídos aos lugares. Ao analisar como a paisagem é abordada nos documentos curriculares, os autores observam que, nos anos iniciais, ela é tratada majoritariamente a partir de uma visão material das formas, não se aprofundando no simbólico, imaterial e subjetivo. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem mais ampla, que considere a paisagem como espaço de expressão das identidades sociais e culturais.

Portanto, considerar a paisagem como definidor de identidade é reconhecer que ela não é apenas um reflexo do espaço físico, mas uma construção social, histórica e simbólica. Como afirma Bertagnolli (2015), “o patrimônio, seja material ou imaterial, é o reflexo da identidade de um povo [...] tudo o que não deve ser esquecido, ao contrário, procura-se sempre mantê-lo em movimento, vivo e presente” (p. 54). Dessa forma, a paisagem se afirma como elo entre memória, cultura e pertencimento, sendo um recurso potente para o ensino crítico da Geografia.

3.2 GEOVISUALIZAÇÃO: IDENTIFICANDO FATORES REGIONAIS A PARTIR DOS ELEMENTOS DA PAISAGEM DO RN

A geovisualização é uma abordagem contemporânea da cartografia e da análise geográfica que se vale de tecnologias digitais para representar, explorar e interpretar dados espaciais de maneira interativa. Ela permite que mapas, imagens de satélite, modelos tridimensionais e outros recursos gráficos sejam usados não apenas como ilustrações, mas como ferramentas cognitivas capazes de estimular o pensamento espacial e o raciocínio geográfico.

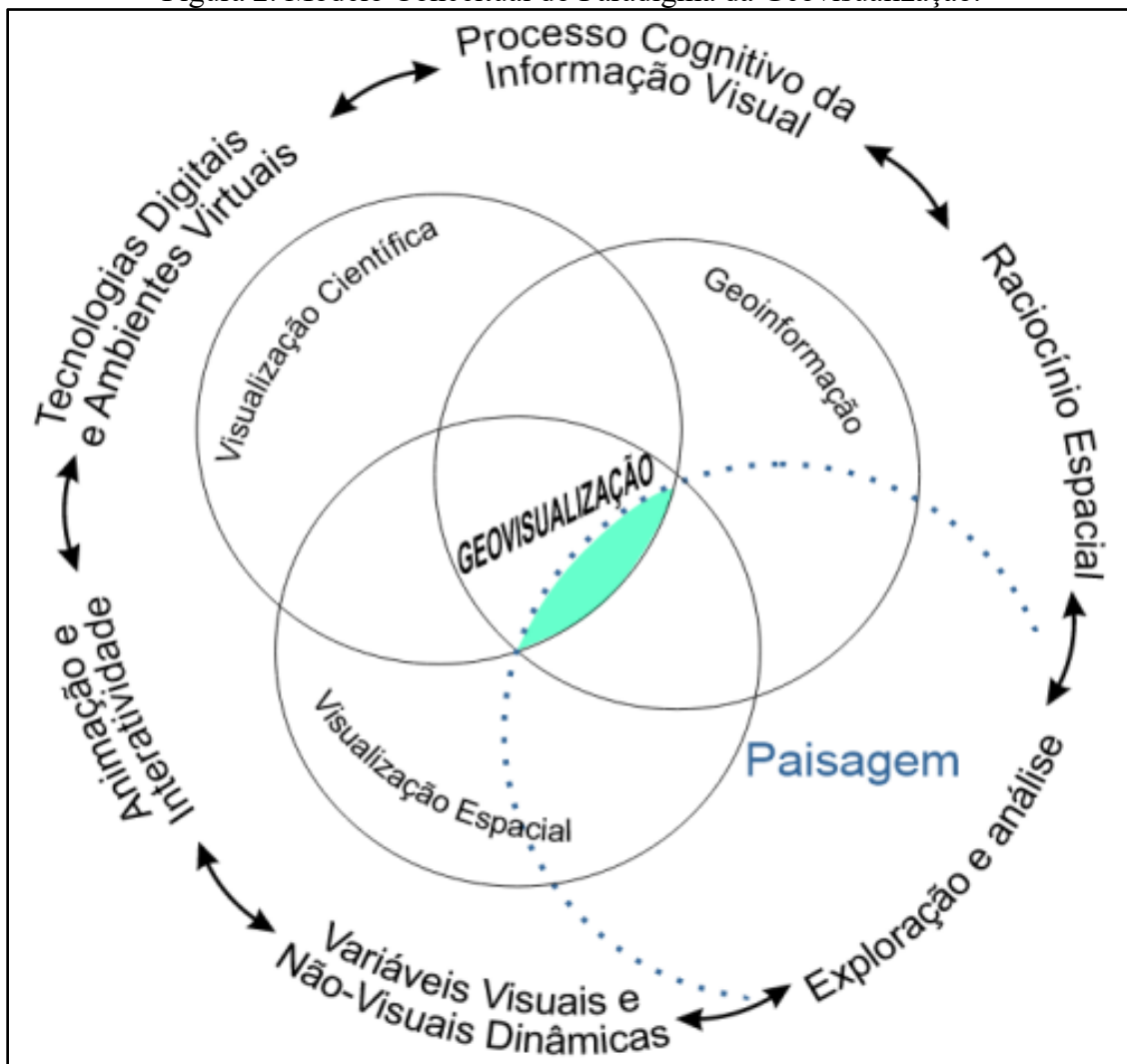
A geovisualização pode ser definida como “um paradigma de representação cartográfica” que se estrutura “por meio de uma interface de métodos gráficos exploratórios, baseados em componentes interativos” (p. 1259). Isso significa que, diferente dos mapas tradicionais, a geovisualização oferece ao usuário a possibilidade de interagir com os dados espaciais, manipulando escalas, navegando por imagens em 360°, cruzando informações e criando hipóteses sobre fenômenos geográficos. Trata-se de um processo que implica o desenvolvimento de representações espaciais interativas e digitais cujas informações seriam inacessíveis pela tríade tradicional da comunicação cartográfica. Ao estimular o raciocínio geográfico, a geovisualização promove um aprendizado ativo, no qual o estudante não apenas observa, mas interpreta, questiona e propõe soluções para os problemas espaciais representados nas paisagens (MARTINS; ZACHARIAS, 2022, p. 1259)

No contexto escolar, especialmente no Ensino Fundamental e Médio, a geovisualização se concretiza por meio de ferramentas como Google Earth, mapas interativos, plataformas de sensoriamento remoto e jogos como o GeoGuessr, que utiliza imagens reais das paisagens mundiais para promover o reconhecimento de elementos naturais e culturais. Ao contrário de métodos tradicionais, que muitas vezes apresentam a paisagem de forma fixa e estereotipada, a

geovisualização permite observar as paisagens em movimento, nas suas múltiplas dimensões, física, social, econômica e simbólica.

Nessa perspectiva, apresenta-se um modelo conceitual do paradigma da geovisualização, no qual são evidenciadas adaptações, correlações e interconexões entre a visualização do objeto espacial, as intenções de exploração do espaço e das paisagens, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2. Modelo Conceitual do Paradigma da Geovisualização.



Fonte: Adaptado de Martins e Zacharias (2021, p. 1831).

Sobre este modelo, observaram que:

[...] o paradigma da Geovisualização faz uso do meio digital para desenvolver um conjunto de normatizações cartográficas, com aplicações de recursos visuais, elaborados por meio de uma interface de métodos gráficos exploratórios, baseados em componentes interativos, para a apresentação dos dados. Os recursos visuais são aplicados com o objetivo de proporcionar maior desenvolvimento do raciocínio espacial, convergindo na interpretação de que, na Cartografia, a Geovisualização auxilia o processo cognitivo da informação espacial (Martins; Zacharias, 2021, p. 1831)

No caso do Rio Grande do Norte, essa abordagem possibilita identificar os fatores regionais que distinguem os municípios das quatro mesorregiões do Estado, Angicos, Caicó, Currais Novos, Martins, Mossoró e Natal, cada um situado em uma unidade paisagística distinta, com feições, climas, atividades econômicas e formas de ocupação espacial próprias. Através da geovisualização, podemos compreender como esses elementos estão organizados no território potiguar, reconhecendo as especificidades espaciais de cada região e promovendo uma leitura crítica e contextualizada da paisagem.

A Geovisualização, enquanto recurso didático e investigativo da Geografia, permite a leitura crítica e interativa das paisagens, revelando as relações entre os elementos naturais e antrópicos que constituem o espaço geográfico. A partir do uso de mapas, imagens de satélite, ferramentas digitais e jogos interativos, torna-se possível explorar as espacialidades regionais e reconhecer padrões, dinâmicas e singularidades de diferentes territórios. No contexto do Estado, a Geovisualização se mostra estratégica para identificar os fatores regionais que caracterizam as diferentes unidades paisagísticas, como o Sertão Central, o Seridó, a Borborema Potiguar, a Depressão Sertaneja, a Chapada do Apodi-Mossoró e o Litoral Oriental Úmido. Essas unidades representam recortes naturais e humanos do território potiguar, definidos a partir de elementos como relevo, vegetação, clima, hidrografia, solo e formas de uso do espaço. Cada uma delas abriga municípios com características específicas, que refletem diferentes formas de apropriação e organização do espaço.

No Sertão Central, destaca-se o município de Angicos, inserido em uma área de clima semiárido, vegetação de caatinga e relevo suave ondulado. A paisagem é marcada por grandes extensões de terras secas e por atividades agropecuárias de subsistência, fortemente condicionadas pelos regimes de chuvas irregulares. A Geovisualização, ao explorar imagens aéreas e mapas temáticos, evidencia os padrões espaciais de uso do solo e a escassez hídrica que molda a paisagem angicana.

No Seridó, região semiárida com solos cristalinos e grande incidência de inselbergs, os municípios de Caicó e Currais Novos apresentam paisagens de sertão pedregoso e vegetação esparsa, associadas a práticas pecuárias e à mineração. Através da análise geográfica interativa, é possível identificar os núcleos urbanos compactos, os currais, açudes e estradas vicinais que estruturam a vida no sertão. Essas feições revelam a histórica adaptação da população local à escassez hídrica e aos solos pouco férteis, como mostram as imagens geográficas da região.

Na unidade da Borborema Potiguar, situada em áreas de relevo mais acidentado e altitudes elevadas, o município de Martins se destaca por sua paisagem serrana, com vegetação mais densa e clima mais ameno em comparação ao restante do interior potiguar. Através da geovisualização, observa-se o contraste entre os platôs da Serra de Martins e os vales encaixados, que configuram uma paisagem propícia ao turismo ecológico e às práticas agrícolas de clima de montanha, como o cultivo de frutas e hortaliças.

Na Chapada do Apodi-Mossoró, com domínio de terras sedimentares e topografia mais plana, o município de Mossoró apresenta uma paisagem marcada pela exploração de petróleo e gás natural, irrigação agrícola em áreas de perímetro irrigado e pelo crescimento urbano intenso. A análise geoespacial dessa área permite visualizar os limites entre zonas urbanas e áreas de cultivo, bem como os arranjos logísticos voltados à exportação de frutas, evidenciando a importância da Chapada como uma das principais zonas econômicas do estado.

Na Depressão Sertaneja, com solos mais férteis e topografia rebaixada, ocorrem transições entre áreas de caatinga e agricultura mecanizada. Os aspectos paisagísticos visíveis por imagens de satélite apontam mosaicos agrícolas e presença de pequenas barragens,

indicando uma ocupação mais intensiva e produtiva do solo em comparação com outras zonas do sertão.

Por fim, no Litoral Oriental Úmido, a cidade de Natal, capital do estado, representa uma paisagem urbana complexa, com ocupações diversas, áreas de proteção ambiental, dunas móveis, manguezais e intensa atividade turística. A geovisualização da cidade permite observar a fragmentação espacial causada pela segregação socioespacial, a expansão imobiliária sobre áreas sensíveis e a influência do relevo costeiro na estruturação urbana. Ao identificar elementos como as falésias, praias, rios e as zonas turísticas, é possível compreender como o espaço urbano é moldado por fatores naturais e socioeconômicos.

A leitura dessas paisagens, por meio da geovisualização, possibilita uma compreensão mais sensível e crítica das realidades regionais potiguaras. As ferramentas digitais facilitam a identificação de padrões, usos e conflitos presentes no território, promovendo um ensino de Geografia mais dinâmico e conectado às realidades locais. Além disso, evidenciam como os elementos paisagísticos expressam formas distintas de identidade territorial e apropriação do espaço, reforçando o papel da paisagem como produto histórico e cultural.

5. CONCLUSÕES

A análise da paisagem como elemento estruturante na definição de regiões, aliada ao uso da geovisualização como recurso didático, revela-se essencial para o desenvolvimento de uma compreensão mais crítica, reflexiva, contextualizada e humanizada do espaço geográfico. A paisagem, enquanto categoria fundante da Geografia, transcende uma visão meramente descritiva ou ornamental, sendo portadora de dimensões histórico-culturais, simbólicas, econômicas, pessoais e ecológicas que permitem apreender, a complexidade de um lugar, tanto os mecanismos de organização do território quanto às relações de poder presentes nas comunidades. Dessa perspectiva, a paisagem revela como os grupos humanos produzem o espaço, enquanto ele, por sua vez, condiciona suas experiências, sendo um reflexo permanente das transformações pelas quais passa a sociedade. A compreensão dessa dinâmica revela caminhos para uma abordagem geográfica que vá para além do mero acúmulo de conteúdos, sendo capaz de proporcionar uma visão crítica, contextualizada e multidimensional, aumentando, assim, a eficácia do ensino de Geografia nas escolas, principalmente na educação básica.

Ao se considerar que a paisagem se constitui, simultaneamente, como expressão e condição das práticas sociais, é possível interpretá-la como um importante elo na (re)estruturação dos territórios, principalmente quando articulada às outras categorias geográficas, como lugar, região e cultura, que ajudam a dar forma às identidades, às relações de poder e às estratégias de apropriação do espaço pelas comunidades envolvidas. Nesse contexto, o estudo da paisagem revela tanto os caminhos pelos quais grupos vêm transformando o meio, quanto os mecanismos que vêm sendo usados para resistir às transformações ou para recriar suas próprias experiências, sendo um importante espaço de resistência, memória, organização social e produção de significados compartilhados. A geovisualização revela-se, assim, uma alternativa didática particularmente relevante para apoiar essa compreensão, na mesma proporção em que proporciona estratégias multiescalares, multissensoriais e interdisciplinares, aumentando, dessa forma, o envolvimento dos estudantes na construção de um saber geográfico contextualizado. Por meio de representações cartográficas, imagens de satélite, fotografias georreferenciadas, narrativas orais e outras fontes, essa abordagem

proporciona tanto o acesso às dimensões materiais quanto às dimensões imateriais presentes nas paisagens.

A geovisualização fortalece o aprendizado geográfico, aumentando a eficácia na compreensão de como os fenômenos estão espacialmente distribuídos, como se relacionam e como estão imbricados nas experiências vividas pelas comunidades. Isso se torna particularmente evidente na avaliação de diferentes municípios, como Natal, Mossoró, Caicó, Currais Novos, Angicos e Martins, no Rio Grande do Norte, onde é possível notar como a diversidade paisagística revela caminhos específicos de organização do espaço, fruto tanto de condicionantes físico-ecológicos quanto de relações histórico-culturais. Tais configurações estão na base das estratégias de produção, apropriação, resistência e ressignificação pelas comunidades, sendo, assim, parte constitutiva de suas identidades, enquanto grupos que se apropriam do espaço para atender às suas necessidades, aos seus interesses específicos e às suas experiências compartilhadas. Dessa maneira, o estudo geográfico revela como o espaço é fruto de um permanente debate, sendo ele um artefato histórico, político, social e ideológico, que revela relações desiguais de poder presentes na organização do território.

Portanto, ao adotar a paisagem como instância mediadora entre o visível e o invisível, assim como ao recorrer à geovisualização como um recurso de ensino, é possível proporcionar uma abordagem geográfica mais sensível às especificidades dos territórios, às experiências vividas pelas comunidades e às relações que nelas se tecem. Dessa maneira, essa perspectiva não apenas propicia a construção de uma consciência espacial crítica, como também fortalece os vínculos de pertencimento, a compreensão multidimensional do espaço geográfico e a eficácia na formulação de estratégias pedagógicas que reconhecem, respeitam e valorizam a multiplicidade de experiências presentes nas paisagens. Em última instância, essa compreensão revela como o espaço é, ele próprio, fruto das relações humanas, sendo, ao mesmo tempo, um condicionante e um resultado das ações que os grupos empreendem na construção do seu lugar no mundo, mostrando que é preciso considerar tanto os conteúdos compartilhados quanto os caminhos específicos que marcaram a organização espacial de cada região, na perspectiva de uma geografia comprometida com a realidade social.

REFERÊNCIAS

BEZZI, M. L. **Região como foco de identidade cultural**. Geografia, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2002.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. 328 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

NETO, H. B.; BEZZI, M. L. **A região cultural como categoria de análise**. 30 R. RA'É GA, Curitiba, n. 17, p. 17-30, 2009. Editora UFPR.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de PIMENTAL, L. F.; PIMENTA, M.A. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

GOMES, A. **As razões da região**. 194 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

MARTINS, Tadeu Jussani; ZACHARIAS, Andréa Aparecida. A Cartografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os mapas animados e interativos como recursos pedagógicos na educação básica no Brasil. In: Cartografia e Ensino: linguagens, tecnologias, mapas sociais, currículo e formação docente. **Ciência Geográfica: Ensino - Pesquisa - Método** (Seção Bauru / Associação dos Geógrafos Brasileiros / Editora Saraiva) - Bauru / São Paulo – SP. Ano XXV. Vol. XXV, Nº. 5, 2021.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil - Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. Série Temas, 29.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura, Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. p. 12-74.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: **A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução de OLIVEIRA, L. de. São Paulo: Difel, 1980.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZACHARIAS, Andréa Aparecida. **A representação gráfica das unidades de paisagem no zoneamento ambiental: um estudo de caso no município de Ourinhos SP**. 2 v. Tese 1268 Tadeu Jussani Martins • Andréa Aparecida Zacharias. **Ciência Geográfica - Bauru - XXVI - Vol. XXVI - (3): Janeiro/Dezembro - 2022 (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104436>>.**

ZACHARIAS, Andréa Aparecida; MARTINS, Tadeu Jussani. O paradigma da Geovisualização e a Cartografia a Multimídia Interativa em mapas para escolares: novas possibilidades de compreensão da realidade espacial? In: **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 16(1), 2018, p. 180-212. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>>.
